



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS SACERDOTES DO INTERNADO SÃO LUÍS DOS FRANCESES, EM ROMA

Segunda-feira, 7 de junho de 2021

[Multimídia]

Prezados irmãos!

Tenho o prazer de vos receber como comunidade sacerdotal de São Luís dos Franceses. Agradeço ao Reitor, Mons. Laurent Bréguet, as suas amáveis palavras.

Numa sociedade marcada pelo individualismo, pela autoafirmação e pela indiferença, fazeis a experiência de viver juntos, com os seus desafios diários. Situada no coração de Roma, a vossa casa, com o seu testemunho de vida, pode comunicar às pessoas que a frequentam os valores evangélicos de uma fraternidade diversificada e solidária, especialmente quando alguém atravessa um momento difícil. Com efeito, a vossa vida fraternal e os vossos vários compromissos são capazes de fazer sentir a fidelidade do amor de Deus e a sua proximidade. Um sinal, um aviso!

Neste ano dedicado a São José, convido-vos a redescobrir o rosto deste homem de fé, deste pai terno, modelo de fidelidade e de abandono confiante ao desígnio de Deus. «A vontade de Deus, a sua história e o seu projeto passam também através da angústia de José. Assim ele ensina-nos que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza» (Carta Apostólica *Patris corde*, 2). Não se deve deixar de lado as fragilidades: são um lugar teológico. A minha fragilidade, a de cada um de nós, é um lugar teológico de encontro com o Senhor. Os sacerdotes “super-homens” acabam mal, todos. O sacerdote frágil, que conhece as suas fraquezas e fala sobre elas com o Senhor, este será bom. Com José, somos chamados a regressar à experiência dos simples gestos da hospitalidade, da ternura, do dom de si.

Na vida comunitária há sempre a tentação de criar pequenos grupos fechados, de se isolar, de criticar e de falar mal dos outros, de se julgar superior, mais inteligente. A bisbilhotice é um hábito dos grupos fechados, inclusive um hábito dos sacerdotes que se tornam solteirões: vão, falam, falam mal: isso não ajuda. E isto ameaça todos nós, e não é bom. Temos que abandonar este hábito e olhar, pensar na misericórdia de Deus. Que vos possais acolher sempre uns aos outros como um dom. Numa fraternidade vivida na verdade, na sinceridade das relações e numa vida de oração, podemos formar uma comunidade na qual se respira o ar da alegria e da ternura.

Encorajo-vos a viver os momentos preciosos de partilha e de oração comunitária numa participação ativa e alegre. Inclusive os momentos da gratuidade, do encontro gratuito... O sacerdote é um homem que, à luz do Evangelho, propaga o gosto de Deus ao seu redor, transmitindo esperança aos corações inquietos: é assim que deve ser. Os estudos que fazeis nas várias Universidades romanas preparam-vos para as vossas futuras tarefas de pastores, permitindo-vos apreciar melhor a realidade em que sois chamados a anunciar o Evangelho da alegria. No entanto, não entreis em ação para aplicar as teorias sem ter em consideração o ambiente no qual vos encontrais, bem como as pessoas que vos foram confiadas. Desejo que sejais «pastores com o “cheiro das ovelhas”» (*Homilia*, 28 de março de 2013), pessoas capazes de viver, de rir e de chorar com o vosso povo, em síntese, de comunicar com ele. Preocupa-me quando se fazem reflexões, pensamentos sobre o sacerdócio, como se fosse algo de laboratório: este sacerdote, aquele sacerdote... Não se pode refletir sobre o sacerdote fora do povo santo de Deus. O sacerdócio ministerial é consequência do sacerdócio batismal do povo santo e fiel de Deus. Não podemos esquecer isto. Se pensardes num sacerdócio isolado do povo de Deus, não se trata de um sacerdócio católico, não; nem sequer cristão. Despojai-vos das vossas ideias preconcebidas, dos vossos sonhos de grandeza e da vossa autoafirmação, para colocar Deus e as pessoas no centro das vossas preocupações diárias. Para colocar o povo santo e fiel de Deus no centro é necessário ser pastor. “Não, eu gostaria de ser apenas intelectual, não pastor”: então, pede a redução ao estado laical, será melhor para ti, e serás um intelectual. Mas se és sacerdote, sê pastor. Serás o pastor, há muitos modos de o ser, mas sempre no meio do povo de Deus. O que Paulo recordava ao seu amado discípulo: “Lembra-te da tua mãe, da tua avó, do povo, que te ensinaram”. O Senhor diz a David: “Escolhi-te da parte detrás do rebanho”, dali.

Estimados irmãos sacerdotes, convido-vos a ter sempre horizontes amplos, a sonhar, a sonhar com uma Igreja inteiramente ao serviço, com um mundo mais fraterno e solidário. E para isso, como protagonistas, tendes a vossa contribuição a oferecer. Não tenhais medo de ousar, de arriscar, de ir em frente, pois tudo podeis com Cristo que vos dá a força (cf. *Fl* 4, 13). Com Ele podeis ser apóstolos da alegria, cultivando em vós a gratidão de estar ao serviço dos irmãos e da Igreja. E com a alegria há o sentido de humor. Um sacerdote que não tem sentido de humor não agrada, algo está errado. Imitai aqueles grandes sacerdotes que riem dos outros, de si mesmos e até da própria sombra: o sentido de humor é uma das características da santidade, como frisei na Exortação Apostólica sobre a santidade, *Gaudete et exultate*. E cultivai em vós a gratidão de estar ao serviço dos irmãos e da Igreja. Como sacerdotes, fostes «ungidos com óleo de alegria

para ungir com óleo de alegria» (*Homilia*, 17 de abril de 2014). E somente permanecendo enraizados em Cristo podeis experimentar uma alegria que vos leva a conquistar os corações. A alegria sacerdotal é a fonte do vosso agir como missionários do vosso tempo.

Concluindo, convido-vos a cultivar a gratidão. Gratidão ao Senhor pelo que sois uns para os outros. Com os vossos limites, fragilidades e tribulações, há sempre um olhar amoroso fixo sobre vós, que vos dá confiança. A gratidão «é sempre “uma arma poderosa”» (*Carta aos sacerdotes no 160º aniversário da morte de São João Maria Vianney*, 4 de agosto de 2019), que nos permite manter acesa a chama da esperança nos momentos de desânimo, de solidão e de provação.

Confio cada um de vós, os vossos familiares, o pessoal da vossa casa, assim como os membros da paróquia de São Luís dos Franceses, à intercessão da Virgem Maria e à proteção de São Luís. Abençoo-vos de coração e peço-vos, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim, pois preciso disto. Este ofício não é fácil. E nos livros de espiritualidade há um capítulo — nalguns livros, mas pensemos em Santo Afonso Maria de Liguori e em muitos outros — um capítulo sobre um tema e depois um exemplo, e alguns dizem: “Onde se prova, eu disse-o com um exemplo”, e dão um exemplo de vida. Hoje, antes de entrardes, o padre Landousies disse-me que no final de junho deixará este ofício aqui, na Cúria: ele foi o meu tradutor de francês por muito tempo. Mas eu gostaria de fazer um resumo da sua pessoa. É um exemplo. Encontrei nele o testemunho de um sacerdote feliz, de um presbítero coerente, um sacerdote que soube viver com mártires já beatificados — que conhecia um por um — e também viver com uma doença que não se sabia o que era, com a mesma paz, com o mesmo testemunho. E aproveito esta ocasião, publicamente, também diante de *L'Osservatore Romano*, de todos, para lhe agradecer o testemunho, que muitas vezes me fez bem. Fez-me bem o seu modo de ser. Ele irá embora, para exercer o ministério em Marselha, e fá-lo-á muito bem com a capacidade que tem de acolher todos; mas deixa aqui o bom cheiro de Cristo, o bom cheiro de um sacerdote, de um bom sacerdote. Assim, diante de todos vós digo-lhe obrigado, obrigado por tudo o que fizeste!